

CELEBRAÇÕES DOS CINQUENTA ANOS DA ÁRVORE

# JOSÉ RODRIGUES

## ANOS 60 | ANOS 70

DESENHO E ESCULTURA

EXPOSIÇÃO 10 MAIO A 8 JUNHO 2013



## CATÁLOGO

Direcção e coordenação  
editorial  
Manuela de Abreu e Lima  
Assessoria  
Sónia Alves  
Textos  
Amândio Secca  
Laura Castro  
Fotografia  
Filipe Braga  
Luís Ferreira Alves  
Luísa Coelho | Jorge Coelho  
Maria do Carmo Marques Pires  
Maria Leonor Barbosa Soares  
Tiago Reis  
Design  
Humberto Nelson  
Impressão  
Norprint  
Edição  
1000 exemplares  
Maio 2013  
Dep. Legal  
359019/13

## EXPOSIÇÃO

Seleccção de obras  
Laura Castro  
Laura Soutinho  
Montagem da exposição  
Nelson Pinto  
Assessoria  
Alexandra Gandra  
Paula de Abreu e Lima  
Local e data  
Árvore - Cooperativa de Actividades  
Artísticas CRL  
Porto 10 Maio a 8 Junho 2013  
  
Árvore - Cooperativa de Actividades  
Artísticas CRL  
Rua Azevedo de Albuquerque, 1  
4050-076 Porto - Portugal  
Tel. +351 222 076 010  
Fax +351 222 076 019  
geral@arvorecoop.pt  
www.arvorecoop.pt

## COMEMORAÇÕES DOS CINQUENTA ANOS DA ÁRVORE

COM O ALTO PATROCÍNIO  
DE SUA EXCELENCIA



*O Presidente da República*

## APOIOS

## ORGANIZAÇÃO



Esta exposição, integrada nas Comemorações dos Cinquenta Anos da Árvore,  
é uma homenagem ao Escultor José Rodrigues, um dos fundadores desta instituição  
a quem queremos testemunhar a nossa admiração,  
o nosso reconhecimento e o nosso afecto.

## ANIMAÇÃO DURANTE A EXPOSIÇÃO

17 MAIO | 18H30

Vamos falar de teatro?  
A cenografia de José Rodrigues  
Com a participação de  
António Capelo, António Reis,  
Carlos Avilez, Estrela Novais,  
Jorge Pinto, Júlio Cardoso  
e Manuela de Melo

Introdução de  
Maria Leonor B. Soares

22 MAIO | 18H30

Visita à exposição orientada por Laura Castro

31 MAIO | 18H30

Leitura de textos escritos para José Rodrigues,  
por Jorge Pinto  
Com um apontamento musical

## A FALÊNCIA DAS DEFINIÇÕES

LAURA CASTRO<sup>1</sup>

É o desenho o elemento estruturante da obra de José Rodrigues? Esta exposição pode fazer-nos acreditar que sim. Outras traduzir-se-iam em idêntico acto de fé acerca do domínio das narrativas, da capacidade de ilusão ou do retrato, usurpador de todas as representações. Esta fé em múltiplos deuses exprime o politeísmo, diremos o pluralismo e a dissemelhança, que caracterizam a sua obra. Mas nesta exposição elegemos como objecto de reverência o desenho, fio condutor da experimentação que comanda a sua produção artística.

O desenho metamorfoseia-se ao longo do percurso de José Rodrigues em distintas experiências que acabarão por convergir, ou repousar, nas vias da representação e da grande narrativa, da religião, da história e dos mitos, e traçar um caminho que vai da metamorfose à metáfora, aquela mais propícia à pesquisa de atelier (como laboratório de formas e de matérias), esta mais ávida de associações intelectuais e sensoriais (como provocação do pensamento).

A utilização de processos académicos, de que se destacam o jogo de luz e sombra ou o mais puro ilusionismo, convivem, na obra de José Rodrigues, com o recurso a matérias pobres, cordas, paus, areia, fragmentos têxteis ou vidros. A este concerto de modos opostos – entre o aprendido e o imediato – acresce um outro, o da *naturalia* e *artificialia*, que ocorre nos objectos da série *Jardins de Acrílico*, datados de finais da década de 60/ inícios da década de 70, e aqui expostos (pp. 34-39). A harmonização da cultura e da natureza situa-se entre as problemáticas mais exploradas pelo artista, que lhe permitem cruzar uma elaboração elegante, sabiamente apreendida, com o brutalismo da apresentação de

<sup>1</sup> Escola das Artes / Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Universidade Católica Portuguesa.

materiais, acompanhando as versões antropológicas do cozido e do cru que informaram esse diálogo que poucos artistas sintetizaram, sendo mais numerosos aqueles que optaram pelo modelo culturalista ou pelo primitivista.

O desenho ganha permanentemente novas configurações e cambiantes: ora se estabelece como herança académica, ora como fundador de vanguardas ou de novas vanguardas; tanto recupera a força do volume fingido, como se dissipa no esfumo hábil; e se assume a presença da matéria, do mesmo modo é capaz de procurar a sua ausência.

No trajecto complexo que institui, o desenho manifesta uma proximidade notável com a escultura produzida pelo artista em cada período – seja a de carácter monumental preparada para a ocupação das praças urbanas, seja a mais poética e intimista destinada ao espaço do jardim.

Não é excepção o parentesco entre escultura e desenho da segunda metade da década de 60, perceptível nesta exposição. Somente, a possibilidade de visionarmos, aqui e em conjunto, uma e outro, tem uma enorme repercussão. De facto, a proposta de José Rodrigues altera a identidade de ambos os meios, invertendo as respectivas premissas formais: a escultura adquire configuração gráfica e linear, tornando-se desenho (*p. 32*) e o desenho adquire materialidade própria, através da colagem, tornando-se um corpo físico composto por diferentes planos (*p. 27*). Mais ainda, as peças de chapa recortada em fitas, elaboradas a partir do ano de 1967, expandem-se à escala espacial e é como se o desenho conquistasse o território.

Estes desenhos são contemporâneos de um tempo em que esta prática foi ganhando a dimensão que lhe garantiria um papel determinante na arte contemporânea. Depois de décadas em que o desenho foi sub-comentado, sub-criticado e sub-exposto (e depois de

séculos em que foi mera etapa preparatória e subalterna de outras práticas artísticas, perdendo visibilidade quando a pintura ou a escultura se constituíam em objectos finais), agora impunha-se com naturalidade num campo artístico em renovação. Essa naturalidade, retirava-a o desenho do carácter processual que, afinal sempre fora o seu, e que em tempos de valorização da dimensão operativa da arte lhe servia na perfeição; retirava-a ainda do carácter conceptual que, afinal, sempre fora o seu ou não estivesse o desenho na matriz de todas as artes; retirava-a, finalmente, de uma simplicidade instrumental e material a que o desenho sempre se prestara, afastado da sofisticação, do aparato e da ostentação de certa pintura e de certa escultura, expondo-se com uma vitalidade inesperada.

Por todas estas razões, os desenhos mostrados aparecem-nos agora, não como meros exercícios de uso destinado à escultura, mas como desempenhos próprios de quem, através desse meio, pesquisa e se afirma.

Ao contrário de outras etapas em que o desenho de José Rodrigues assumiu uma poderosa carga erudita e um virtuosismo notável, esta correspondeu a um momento em que o desenho surgiu muito próximo da prática oficial mais directa. Espelha-se nas colagens, no traço irregular, interrompido ou sobreposto, na delicadeza ao longe e em certa rudeza ao perto (*pp. 25 e 26, por exemplo*), a circunstância do fazer e percebe-se claramente o que toda a bibliografia sobre desenho assinala quando o define como uma prática imediata e intimista, autêntica, porque rente ao corpo e ao acto da criação. O desenho revela e transporta os procedimentos no resultado, de um modo que não tem paralelo noutros domínios.

A expansão do desenho no período posterior aos anos 60 e 70 não poderá ser desligada desta vertente performativa que o colocava em vantagem face a outros meios que

tendem a esconder os seus processos, gestos, movimentos e a ocultar os traços de um corpo, ao mesmo tempo que lhe conferia uma liberdade de acção que, porventura, se terá aí evidenciado mais intensamente do que noutros meios.

Para voltar a estas peças de 1968 e 1969, a grafite aparece articulada às cartolinas coladas e gera, pontualmente, três situações: linhas paralelas, em movimentos ondulados como fendas (pp. 28-30); elementos filiformes que se elevam como colunas de fumo (p. 19); marcação de sombras e dobras (pp. 24-26). A tentação da grafite para este uso de evocação e de sugestão estabelece um contraste com as delimitações mais rígidas provenientes das cartolinas recortadas. Entre o recurso da grafite, mais sensorial, e o do papel recortado, mais racional, os desenhos conciliam geometria e traço orgânico, construtivismo e leveza.

Como sempre acontece na obra de José Rodrigues, é difícil observar apenas um registo, o que facilita a insinuação, inevitável, de uma multiplicidade de modos, dos mais rotineiros processos da aprendizagem aos mais fracturantes sinais de reinvenção, da grafite propícia às ilusões à colagem propícia à materialidade. E, portanto, mesmo num contexto austero como é o destes desenhos, viabilizam-se os equilíbrios positivo-negativo, dentro-fora, rectilíneo-curvilíneo, plano-profundidade e articulam-se atitudes, modos de fazer e de estar.

Na escultura, este carácter vivenciado vem da sua colocação no envolvimento ao ar livre. As experiências com chapas recortadas originam uma série de peças *Sem título*, que se dispõem sobre o solo e que, no espaço da paisagem, absorvem a vegetação que nelas penetra, acabam por ficar semi-cobertas, relacionam-se com o elemento vivo que as rodeia e predispõem-se à actualização incessante da sua leitura (pp. 41-49 e 53). No espaço da galeria essa relação não se verifica, empobrecendo a sua observação, algo a que já nos

habitúamos mercê desse efeito museu que submete todas as obras expostas à descontaminação e à descontextualização.

As obras que se reuniram nas salas da Árvore têm o mérito de mostrar diferentes facetas de José Rodrigues e de nos levar a aceitar que, embora se pretenda a coerência expositiva, é difícil confinar o seu discurso. Deste modo, será provável que se observem os desenhos e as peças metálicas como exercícios formais que estabelecem diferentes espaços, aberturas e opacidades, perspectivas e planos e que se apreciem os jardins em acrílico como propostas narrativas que evocam espaços, é certo, mas de uma outra natureza, cénica e, principalmente, poética.

Por outro lado, será inevitável que, se os desenhos-colagens e as peças em chapa policromada podem ser entendidas como propostas de um universo em questionamento e revisão do desenho, também os jardins em acrílico reconfiguram o panorama da escultura, introduzindo novos componentes materiais, o elemento cromático e o sentido lírico e lúdico.

Se, ontologicamente, tudo se altera, para quê definir? A falência das definições é, provavelmente, um dos ensinamentos mais importantes da arte dos anos 60 e 70 e de tempos posteriores, ao encontro daquilo que os artistas reivindicam – a liberdade.

É, portanto, na ideia de insubmissão que radica a escolha destas peças em que José Rodrigues trabalhava poucos anos após a criação da Árvore, surgida em 1963 e de que também foi responsável. A sua apresentação serve, pois, o duplo propósito de celebrar a capacidade de questionamento artístico que então José Rodrigues revelou e os cinquenta anos da Árvore que cumpriu, por outros meios, a liberdade de contestar, pensar e realizar.